

POESIA DESCALÇA

Precisamos ser a mudança que queremos ver no mundo. GANDHI

Nº 111 - Ano 11 - Recife, DEZ/2010 - JAN/2011 - Distribuição gratuita

OUTRO FINAL PARA VIRGÍNIA

Ela cheirava a gás néon e outros voláteis.
Alma noturna – urbana - gastava
Com vícios avaliados
Em bilhões de estrelas.
Buscava o prazer na noite veloz.

Evaporava-se na neblina da noite
Em meio a literatos:
Uns, sofridos intelectuais de botequim;
Outros, metidos a.
Ninguém fracassara ainda.

Conspirava contra sua saúde.
Adorava bastante uísque em versos e prosa,
Cigarros e delírios.
Começou a ouvir um coro de vozes suicidas
Clamando a desistir de tudo.

Como achava impalpável a substância da fé,
O caminho do abismo parecia
A sua derradeira angústia, porém,
Morreu com 90 anos, quase isolada no meio
do mato:
Flores, leitura e os caseiros.

Não morreu de vodca, nem de tédio:
Louca, talvez.
Foi encontrada numa cadeira de balanço.
Um caderno de poesia no colo,
E todos juravam que ela morreria jovem.

JOCA DE OLIVEIRA
(ianomangue@elogica.com.br)

“VADE MECUM? VADE TECUM.”

Não quero ser guru de nada:
Nem para os que amam as flores
Nem para aqueles que exercem a espada!
BALAU

BASQUIAT

O homem impávido.
A máquina grávida.

Os automóveis brilham ao sol.
Os ratos brincam na sala.
Os inocentes choram os seus dias.

Pra onde vamos?
Pra onde vamos?
Pra onde vamos?

JORGE LOPES

Deus foi perfeito em não deixar nenhuma
chance pro homem MIRÓ

TEMPO DE PERDA

Chega o tempo
que é perda de tempo
perguntar ao mar
das ondas, das cores e
dos mistérios,
aos pássaros do vôo
do canto,
Às arvores, dos frutos
E ao homem, do amor.

IVAN MARINHO

eu ontem tive a impressão
que deus quis falar comigo
não lhe dei ouvidos

quem sou eu para falar com deus?
ele que cuide dos seus assuntos
eu cuidei dos meus

PAULO LEMINSKI

ENGANO

afinal
construímos prédios
casas jardins rosas
desabrocharam
trêmulas, afinal fomos
submissos às ocupações do dia
às estações do ano
à rotação da terra

Pensávamos ser esta a nossa pátria

EUNICE ARRUDA



Como ser delicada com os canalhas?...
HELENA ORTIZ

GOIABA BICHADA

(trecho de FRUTOS DE ARRIBAÇÃO, livro inédito)

Torno. Tudo normal e nada me entusiasma.
Depenaram-me os belos gestos! Pobre pavão
pelado, tiritado pelos cantos desta Casa de
Estudante. Aprendo no couro a ser menor.
Encolho. Engulo em seco. O revérbero da
matemática dos neutros, onde libélulas e colibris
não são, não são mais que falcões nebris, me
ofusca e encandeia as minhas convicções. Há
muito tempo perdi de ter certeza, os números bem
mostram. Vejo-os reais... e eles me perguntam
porque meus sonhos não lhes dizem respeito se
aqui estou.

Também não encaro. Até parece que serei
estudante a vida inteira! Meu bafo de veterano
encardido assopra-me que ando gastando vida (é
tudo que tenho) sem me aperceber. Chega janeiro,
já é agosto e eu corro para a morte evidentemente;
e estou pouco, nenhum, gastando, nada
resolvendo, cansando-me.

WILSON VIEIRA

(jwvieira@br.inter.net)

DO OFÍCIO E DO ÓCIO

Nos escritórios
O ar refrigerado
Congela os sentimentos

Dedos rígidos
Digitam
Ofícios e memorandos

À noite
Quem sabe um poema?

JAILSON MARROQUIM

POEMA DE NATAL

- Sino, claro sino,
Tocas para quem?
- Para o Deus menino
Que de longe vem.

- Pois se o encontrares
Traze-o ao meu amor.
- E que lhe ofereces,
Velho pecador?

- Minha fé cansada,
Meu vinho, meu pão,
Meu silêncio limpo,
Minha solidão.

CARLOS PENA FILHO
(Nos 50 anos de sua morte)

GEOGRAFIA DA FOME

Meu pai se consumiu sob as brasas
De muitos sóis em suas andanças
Em busca do pão que matasse
A fome, de uma fome maior
Que a todos nos roia.
A fome dos livros e dos lápis
Dos sapatos para o colégio
E dos domingos livres,
A fome de um leito ao abrigo das chuvas
E de um amor feito sem sobressaltos
A fome
De um dia que fosse
Sem cansaço
A fome enfim
De um dia sem fome.

DOMINGOS ALEXANDRE

O QUE É MEU

Amo só o que conheço, nada é perdido.
O bairro onde vivo e seus arredores.
Os homens de hoje, mesmo os que
decepcionam, sem mito e esplendor,
Humanamente humanos.
As obras definidas que acabo de ler.
A leitura, não a saudade, da poesia do
mundo.
O Ocidente e o Oriente que, na verdade,
Existem sob o sol para todos.
Os mais velhos, com quem converso
As horas de suas saudades.
As múltiplas formas de memória,
Que não se faz do esquecido.
A língua que falo e as leituras que decifro.
Todos os versos de que me lembro,
Mesmo por hábito.
Os amigos que não faltam, porque nunca
morrem.
A ilimitada eternidade da Arte.
A mulher que está ao meu lado,
Companheira indivisível.
Até mesmo o que não sei, como o xadrez
E a álgebra.

JUAREIZ CORREYA

DO INCÔMODO

O amor da gente
Não sente
A nossa dor
De dente

VALMIR JORDÃO

2011 se aproxima, **111** exemplares do Poesia Descalça e **11** anos de sobrevivência desse nosso culto à Poesia. Não há sonhos sem percalços, e é da matéria desses sonhos que construímos nosso zine. Nada que destrua nossa palavra. Entendemos as censuras, porém. Aqui, respeitamos todos os estilos e vozes. Repudiamos, no entanto, a voz da violência e do desrespeito. Os escarnecedores sempre estarão à mesa tomando nosso vinho e comendo nosso pão. Os pedantes, que se envolveram com a literatura, continuarão a fuçar nossos escritos, com avidez. Contudo, somente com simplicidade e coragem devemos buscar a sabedoria. Ao leitor, desejamos o entendimento; e, aos poetas, uma terra além, muito além da imaginação.

REVOLUÇÃO

Expressarei o sangue
Na tez da primavera

Se o homem não amar a mulher
E a mulher não amar o homem

Direi: sou inverno e terno.

JOSÉ TERRA

SONETO

Carregado de mim ando no mundo,
E o grande peso embarga-me as passadas,
Que como ando por vias desusadas,
Faço o peso crescer, e vou-me ao fundo.

O remédio será seguir o imundo
Caminho, onde dos mais vejo as pisadas,
Que as bestas andam juntas mais ousadas
Do que anda só o engenho mais profundo.

Não é fácil viver entre os insanos,
Erra, quem presumir que sabe tudo,
Se o atalho não soube dos seus danos.

O prudente varão há de ser mudo,
Que é melhor, neste mundo, mar de enganoso,
Ser louco c'os demais, que só, sisudo.

GREGÓRIO DE MATOS

**Quem acha, vive se
perdendo**

**NOEL ROSA –
100 ANOS**

...

O devastador de florestas
Olhou pros meus cabelos
E o cabo do machado do
seu
Patrão
Estremeceu
Na sua mão

**FRANÇA/OLINDA/PE
(agenda da vida-2005)**

...

“ONDE ANDA VOCÊ?”

Por onde anda o poeta
RILDO VIEIRA, autor
dos inéditos: **SAUDAÇÃO
AOS URUBUS** e
**QUANDO A AMÉRICA
LATINA VOMITA LUZ**

O PD ainda guarda, em
seus arquivos, exemplares
de sua participação no
fanzine **PALCO ABERTO**
ao lado de Wilson Vieira,
Xico Sá e outros...

Qualquer bem da vida

Que se quer inteiro
Só é consolidado
Se nos é perdido

Um bem de família:
Pais, irmãos, amada
Um bem-geografia:
A casa que o acolheu
Ao chegar ao mundo
A verde densa mata
Reduto de mistérios
O rio murmurante
Serpenteando vales
Brincando com os seixos
Coleando peraus
A fauna alada inquieta
Em piroetas no espaço
As reses que ao pastar
Concretizavam desejos
De alimento melhor...

Nada se extingue
Se nos é tirado

Se tudo é ceifado
Pela mão do inepto
Se tudo se esvai
Na sequência de ciclos

Os bens se consolidam
Se plantam no fundo
Na dimensão do cérebro
E intactos se preservam
Per omnia saecula

MANOEL CARDOSO